

Rindo de nervoso: narrativas da violência em charges

Paulo Henrique Soares de Almeida¹

Célia Maria Ladeira Mota²

Universidade de Brasília (UnB)

Resumo: Este artigo analisa a representação da violência no Rio de Janeiro nas charges dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo, em fevereiro de 2018, véspera da intervenção federal no estado. A proposta é discutir os significados e efeitos de sentidos produzidos nessas imagens, tendo como base teórica os estudos de Edson Carlos Romualdo (2000) sobre o humor e a Análise Crítica da Narrativa, desenvolvida pelo pesquisador Luiz Gonzaga Motta (2013), como metodologia. O trabalho mostra que, mesmo em temas sobre violência, o riso na charge é ambivalente e está mais próximo do tipo carnavalesco proposto por Bakhtin (1981). Se de um lado reforçam o sentido de uma sociedade ameaçada, essas imagens atuam, por sua vez, na introdução do humor como crítica social e elemento libertador da sensação de impotência da coletividade diante dos problemas sociais.

Palavras-chave: Jornalismo; Violência; Charge; Humor; Narrativa.

1. Introdução

A cultura da mídia fornece material importante com que muitas pessoas constroem sua visão de mundo. Nas palavras de Kellner (2001), ela ajuda a modelar os valores mais profundos da sociedade, definindo o que é considerado bom ou mau, posi-

¹ Paulo Henrique Soares de Almeida é doutorando na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Trabalho orientado pela professora Célia Ladeira Mota [Pauloalmmeida@gmail.com].

² Célia Maria Ladeira Mota é Doutora em Comunicação, pesquisadora associada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. [cladmota@gmail.com].

tivo ou negativo, moral e imoral. E se de acordo com o autor as narrativas veiculadas pelas mídias fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum compartilhada em grupo, a imagem tem um papel importante como referência e índice de um significado dominante, que vai contribuir para o que pode ser chamado de cultura visual, “uma prática de olhar o mundo mediado que nos cerca, compartilhando sentidos e narrativas sobre nós mesmos” (MOTA, 2012, p. 197).

Ao estudar o conceito, Mota (2012) afirma que uma imagem simplesmente não se transforma em cultura visual até que seja visualizada. Visualizar, segundo a autora, não é simplesmente produzir objetos visíveis, mas comprometer a vida cotidiana numa cultura de commodity que demanda o nosso olhar para gerar valor para alguém mais. Está relacionada à experiência. “Com isso, a visualização se apropria do fazer histórico e se transforma na principal referência dos significados que vamos construindo sobre o mundo que vivemos” (MOTA, 2012, p. 199).

As imagens que nos cercam transformam não só nosso mundo e as nossas identidades, mas têm um papel cada vez mais importante na construção da nossa realidade social. Entre os diferentes temas representados pela cultura visual, chama atenção a problemática da violência, que se converteu em algo cotidiano. A nossa história é marcada por violência, nossa cultura é permeada por imagens violentas. Na televisão, a qualquer hora do dia ou noite, estreiam programas, filmes e séries cheios de cenas brutais. Com a mudança semanal da programação nos cinemas, surge sempre um novo filme capaz de sobrepor às crueldades de atrações anteriores. Também no computador, nos I pads, nas inúmeras câmeras de segurança instaladas nas ruas das cidades, nos games digitais, no Facebook, Instagram, vídeos do YouTube e outras infinitudes de meios, inclusive nos jornais e nosso objeto de estudo: as charges.

Essa representação exacerbada da violência na cultura visual é o tema da charge do cartunista maranhense Raimundo Rucke. Premiada no *Ranan Lurie Political Cartoon Awards* em 2015, concurso promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), a imagem (Figura 1) mostra um cachorro fugindo depois de farejar um jornal. Uma crítica aos meios de comunicação e às linguagens que usam para veicular notícias violentas.

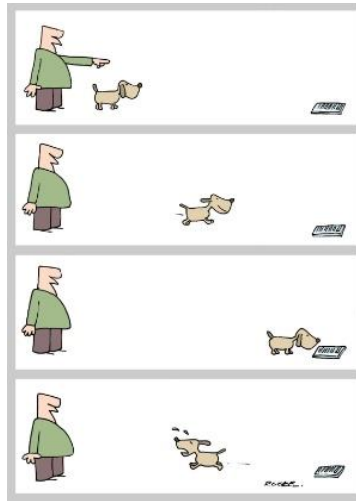


Figura 1: Charge do cartunista maranhense Raimundo Rucke, premiada no Ranan Lurie Political Cartoon Awards em 2015.

Fonte: Lurie Award 2015 Winners.

Ao estudar o tema nos meios de comunicação de massa, a professora Maria Stela Porto (2002) usa o conceito de violência elaborado por Yves Michaud:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD *apud* PORTO, 2012, p. 152).

Segundo a pesquisadora, mudanças recentes vivenciadas pela sociedade brasileira têm contribuído para uma ressignificação da violência, no sentido de não aceitar eufemismos para defini-la, nomeando como tal, atos e comportamentos que eram até pouco tempo considerados formas ou conteúdos corriqueiros. Em sua pesquisa *Representações Sociais da Violência no DF (1998)*, Porto estabelece uma relação causal direta entre a exposição à violência e o aumento da criminalidade. “78,6% dos respondentes acreditam que a difusão da violência pela mídia contribuiria para aumentar a criminalidade” (PORTO, 2002, p. 161). Na análise, a pesquisadora traz um dado curioso: 84,3 % das pessoas acreditam que a violência ajuda a vender jornais, mas 54% dos respondentes do questionário não estão dispostos a desligar seus aparelhos de TV em função de cenas violentas. Em seu estudo, Porto (2002) avalia que a exposição à violência, da forma como é elaborada nas representações produzidas pela mídia, tem como uma de suas principais consequências transformar essa mesma violência em clichê, algo irreal, simulacro ou ainda uma banalização induzida pela repetição.

As charges que examinamos neste artigo reacendem um debate antigo. Em 1970, a Unesco já promovia um simpósio para avaliar o impacto da violência nos meios de comunicação. Muito antes, em 1922, Barbosa Lima Sobrinho pedia tolerância para justificar a violência nas notícias diárias dos jornais da época. As narrativas sobre fatos violentos em jornais e telejornais reforçam o que se convencionou chamar de cultura da violência, “um fundamento de qualquer relação social”, segundo Maffesoli (1987). Para o sociólogo, o termo ‘violência’ é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere a lutas, conflitos, combates. Para o cidadão assustado dos dias atuais, o termo remete aos assaltos, assassinatos, roubos, feminicídios, acontecimentos que criam medo e insegurança. Mas como o tema violência é trabalhado nas charges, que tem como traço básico o humor? Que significados e efeitos de sentido são produzidos nessas imagens?

Para responder essas perguntas, este estudo pretende analisar duas charges publicadas no jornal Folha de S. Paulo e uma no O Globo sobre a violência no Rio de Janeiro. A metodologia tem como base teórica a Análise Crítica da Narrativa, conforme desenvolvida pelo pesquisador Luiz Gonzaga Motta (2013).

Neste artigo, usamos o conceito de cultura tal como proposto por Raymond Williams (2001). Um dos fundadores dos estudos culturais, o autor explica que, embora o termo “cultura” tenha recebido ao longo dos anos diferentes definições - ideia de cultivar alguma coisa, conhecimento erudito, desenvolvimento e progressos sociais – hoje ele se explica por meio de uma definição antropológica. Cultura liga-se à noção de experiência, ou seja, às práticas e atividades relacionais vividas em sociedade. Isso leva a cultura a ser interpretada como um sistema de significações amplo, que inclui não apenas as artes e as produções intelectuais, mas sim todas as práticas significativas, como as narrativas, o jornalismo, a moda, a publicidade, entre outros.

Pensar a mídia como um sistema de representação é o raciocínio desenvolvido por Stuart Hall (2009), o qual afirma que “cultura *is about 'shared meanings'*” (HALL, 2009, p. 2), ou seja, é um processo de significar e compartilhar valores de um determinado grupo ou sociedade, por meio da linguagem, operada pelo sistema de representação. Representação, segundo Hall (2009), significa usar a linguagem para dizer alguma coisa com sentido sobre algo ou alguém a partir de símbolos, seja por palavras, músicas, imagens, fotos, entre outros. Em resumo, a representação conecta significado e lingua-

gem com a cultura e isso acontece também nas charges, imagens, re-pensadas, re-criadas e re-significadas das notícias diárias, que tem como matéria-prima os acontecimentos. É o circuito cultural, conforme afirma Hall (2009), onde os modos de produção, circulação e consumo não se esgotam nos signos produzidos, mas circulam e se modificam permanentemente.

2. Traçando a charge

Do francês *charger*, que significa carga, carregar ou exagerar, a charge é “uma forma de representação pictórica de caráter burlesco e caricatural em que se satiriza um fato específico, tal qual uma ideia, situação ou pessoa, em geral de caráter político e do conhecimento público” (FONSECA, 1999, p. 26). Uma das práticas de construção de significados sobre os acontecimentos, consideramos a charge como um rico gênero argumentativo, uma ação retórica que revela as relações de poder, a posição do autor e o jogo de persuasão. Por meio de uma narrativa satírica e híbrida, que mistura elementos da realidade com o imaginário, ela se posiciona, fere, punge, denuncia e nos possibilita reflexões sobre um determinado tempo e representações, sejam elas políticas, econômicas ou sociais. Nela, é possível encontrar os mitos, fábulas, cultura, o modo de vida de uma sociedade e sua época.

Ao narrar e representar um acontecimento, ela tende a destacar o estereótipo e o excessivo, permeando, normalmente, as figuras de linguagem como metáfora, ironia e hipérbole, produzindo efeitos de realidade e formas simbólicas que contribuem para moldar o imaginário coletivo sobre um país, cultura, organização e política. Ao relatar um acontecimento, o chargista não é responsável apenas pela transmissão de informação, mas também por sua recontextualização, já que, ao atribuir significações aos acontecimentos, o chargista também ressignifica. Ele recorta uma parte da realidade, enfoca um ponto de vista e o transforma em algo novo.

A linguagem da charge, portanto, é um sistema de representação que constrói sentido e o transmite. “Ela significa. Ao fazê-lo, retoma sua característica de signo, que existe para representar nossos conceitos, ideias ou sentimento. E como linguagem, ela se torna uma prática significativa” (MOTA, 2012, p. 204).

Partindo dos conceitos citados, compreendemos cada charge como uma narrativa satírica que, ao contar uma história, percorre todo o caminho de uma narração situada no tempo e espaço: com enredo, clímax, intriga e personagens. Sua comunicação é realizada por meio de um sistema que têm entre suas características coesão, coerência, intencionalidade, informação e a intertextualidade.

Nessas ilustrações, a narrativa explora o factual, mas também a criatividade e o imaginário para criar efeitos de sentido. Mas, ao contrário das definições negativas das pela tradição filosófica ocidental, esse imaginário do qual falamos não é algo falso, inventado, mentiroso, primitivo ou inferior ao pensamento racional. Ele tem relação intrínseca com a realidade, a consciência, o mito, o passado, a memória e a cultura. Legros, et. al., (2007) defendem o imaginário como tudo aquilo que se diz respeito a uma civilização, que circula através da história, das culturas e grupos sociais. “O imaginário é o produto do pensamento mítico, concreto que, funcionando sobre o princípio da analogia, se exprime por imagens simbólicas organizadas de maneira dinâmica” (LEGROS, et. al., 2007, p.10).

Ao costurar a realidade por meio do imaginário, a charge está impregnada de valores subjetivos, estéticos e morais, indo além dos limites de uma narrativa jornalística textual padrão, para prender ainda mais a atenção do leitor e conquistar os efeitos de sentidos almejados. Por meio de figuras de linguagem, como metáfora, ironia e hipérbole, performatiza personagens que representam seres humanos concretos, em uma estrutura interna de conexão que se revela em um espaço temporal. O tempo ajusta os fatos entre si, configura a cronologia do enredo, traz à tona o conflito, a intriga e as personagens.

O tempo também é usado por Romualdo (2000) em sua definição de charge. Segundo o autor, enquanto o cartum é atemporal, a charge, por focalizar uma realidade específica, se prende mais ao momento. No entanto, compreendemos o tempo da charge mais próximo das observações de Ricoeur (2010). Como narrativa, esse tempo não corresponde necessariamente ao tempo cronológico e lógico aristotélico, que avança sempre para o futuro. Mas ele também está relacionado com o tempo da alma, do vivido e histórico, podendo deslocar-se para frente, ultrapassando um certo horizonte de expecta-

tivas, ou deslocar-se para trás, explorando um determinado campo de experiências em múltiplas direções e profundidade.

3. O humor

Outro traço importante da charge é o humor. Muitas vezes, ao criticar algo, a charge provoca o riso. Mas é preciso compreender os significados desse riso, situá-lo no tempo e espaço e identificar as sensações que tal manifestação condensa. É preciso entender como a cultura promove esse humor, seja para rir nos estados de alegria e satisfação, subverter o medo e a angústia, ou ainda para re-significar o que já é trágico.

Sobre esse aspecto, Romualdo (2000) destaca dois principais tipos de riso provocado por essas imagens. O primeiro é o de zombaria, usado por Propp (1992) em sua obra *Comicidade e Riso*. De acordo com Romualdo, é o mais freqüente na vida e na arte, suscitado por alguns defeitos daquilo ou de quem se ri. No entanto, os defeitos somente são risíveis se não adquirem o aspecto de vício e não provocam repulsão. “O riso surge, nesses casos, da natureza física do homem; das semelhanças e diferenças entre os indivíduos; do homem com aparência de animal ou coisa, da ridicularização das profissões; da paródia; do exagero; do malogro da vontade” (ROMUALDO, 2000, p. 43). Ao zombar, a charge busca mostrar aquilo que está oculto, dando, pelo humor, outra visão sobre um acontecimento ou pessoa.

Mas, apesar de Romualdo (2000) acreditar que o riso de zombaria engloba a charge, o autor acredita que esse riso, na maneira como é tratado por Propp (1992), não abarca a ambivalência e pluralidade dessas ilustrações, no qual é preciso observar pelo menos dois pontos principais: a seriedade do fato e, simultaneamente, a ridicularização. Portanto, embora com traços de zombaria, Romualdo (2000) acredita que o riso da charge esteja mais próximo do “riso carnavalesco” proposto por Bakhtin (1981), onde a excentricidade e a profanação, assim como no carnaval, permitem que se expressem e revelem os aspectos mais ocultos e mascarados da natureza humana. Romualdo destaca que a concepção de carnaval que Bakhtin leva em conta não é a mesma do nosso tempo, um carnaval de clubes e desfiles, mas como uma forma complexa ancorada em sua essência e origens, marcada pelo livre contato entre os homens, organização das ações de massa, a excentricidade e a profanação.

Os rituais de coroação e, posteriormente, o destronamento do rei, que traz a ideia de renovação e mudança também são características carnavalescas citadas por Bakhtin que, na observação de Romualdo (2000), vão servir de base para a construção da essência dessas imagens artísticas. Conforme analisa Bakhtin, o riso carnavalesco é ambivalente e profundamente universal. Está dirigido para a mudança dos poderes e verdades; combina a morte e o renascimento; a negação; a ridicularização; e a afirmação, o riso do júbilo. “Pela paródia das ações políticas, pela caricatura, pelo ridículo e pelo próprio riso, o texto chágico destrona poderosos e apresenta outras perspectivas para a leitura de suas ações” (ROMUALDO, 2000, p. 53).

Ri-se de uma charge por que tal é o efeito que se produz no enunciado, mas não se espera o riso do mesmo fato discutido nas páginas de opinião ou noticiário. Nesse caso, observa-se um efeito moderador diante da triste situação em que se encontra e que não é possível mudar tão facilmente.

O humor da charge está comprometido com o factual e está ligado à intertextualidade, a cultura, ao social. Exige conhecimento prévio. É uma re-significação do acontecimento, inserido no circuito cultural de Hall (2009). Se o emissor tiver que explicar a imagem, ela perde a graça.

Mas se por um lado a charge pode promover o riso, esse não é o seu principal objetivo. Pelo contrário, é uma defesa, uma crítica social. Uma negação que está mais próxima da expressão “rindo de nervoso”, uma válvula de escape quando notamos que algo está errado. “Fazer rir é tarefa do cômico. O humor pretende levar as pessoas a pensar nos acontecimentos. O humor mais perfeito é aquele em que o espectador nem se ri. Trata-se de um humor tão inteligente que espectador fica a pensar na mensagem” (FERNANDES, 2016, p. 9).

Travaglia (1990) não separa o humor do riso. Mas suas considerações ecoam Fernandes (2016) ao afirmar que “o humor não tem compromisso com o riso audível, a risada e a gargalhada, que parece ser aquilo a que se referem quando se desvinculam riso de humor” (TRAVAGLIA, 1990, p. 66).

4. Violência no Rio de Janeiro

A violência no Brasil sempre foi um processo histórico. De acordo com o Atlas da Violência de 2018, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), entre 2006 e 2016, 553 mil pessoas perderam suas vidas devido à violência intencional no Brasil. Um total de 153 mortes por dia. Só em 2016, o número de homicídios chegou a 62.517, correspondendo a 30,3 mortes para cada 100 mil habitantes, um patamar 30 vezes maior que o da Europa. O número de mortes violentas é também um retrato da desigualdade racial no país, onde 71,5% das pessoas assassinadas são negras ou pardas.

Por unidade federativa, os dados da pesquisa do Ipea mostrou que, entre 2006 e 2016, sete estados da região norte e nordeste têm as maiores taxas de homicídios por 100 mil habitantes: Sergipe (64,7), Alagoas (54,2), Rio Grande do Norte (53,4), Pará (50,8), Amapá (48,7), Pernambuco (47,3) e Bahia (46,9). O Rio de Janeiro apareceu na 14 posição (36,4).

De acordo com a pesquisa, no estado carioca, as taxas diminuíram desde 2003, mas em 2012 observou-se uma oscilação nos indicadores de letalidade violenta e em 2016 houve forte crescimento nos índices. “Pode-se dizer que 2016 marcou o final de um período positivo para o estado e a capital, com grandes eventos internacionais. O final das Olimpíadas demarcou essa transição, quando a falência econômica e política deram a tônica ao novo cenário” (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2018).

Relatório do Instituto de Segurança Pública (ISP), ligado ao governo do Rio de Janeiro, revelou que, só no primeiro semestre de 2017, foram registrados 179.622 casos de roubos e furtos e 3.457 mortes violentas. O pior resultado para o período desde 2009. Entre as causas desse aumento, podemos assinalar: políticas públicas com estratégias superficiais ou de curta duração, que não resolvem problemas de longo prazo; e estratégias de policiamento falidas - a Polícia Militar do Rio de Janeiro, controlada pelo governo estadual, ganhou o título de “a mais violenta do mundo”, segundo a organização Anistia Internacional. Soma-se ainda serviços sociais de baixa qualidade e insuficientes, como saúde, educação e saneamento básico; criminalização da pobreza; e a histórica desigualdade social, marcada por uma sociedade escravocrata.

Assim como diversos estados do país, o Rio de Janeiro vive um problema crônico de segurança e criminalidade. Tanto que, em fevereiro de 2018, episódios de violência durante o Carnaval, divulgados massivamente pela mídia nacional e internacional como BBC, The New York Times e El País, teriam influenciado a tomada de decisão pelo então presidente do Brasil Michel Temer de uma intervenção federal na capital do Rio de Janeiro. Uma medida constitucional, inédita no país, que teve como objetivo amenizar a situação da segurança no estado, um dos mais procurados pelos turistas no Brasil. A decisão gerou polêmica. Visto que o Rio de Janeiro tem uma ampla cobertura midiática, muitas pessoas acusavam o governo de marketing e pretexto para não votar a reforma da previdência e alegavam que outros estados tinham problemas de segurança ainda mais graves que o Rio de Janeiro.

Após a contextualização, vale ressaltar que a proposta desse estudo não é discutir o mérito contra ou a favor da intervenção federal, mas analisar como a onda de violência, fortemente registrada pela imprensa neste período, foi significada também nas charges jornalísticas.

5. Metodologia e análise dos dados

Para analisarmos como a violência no Rio de Janeiro durante o carnaval 2018 foi representada nas charges jornalísticas, selecionamos as ilustrações publicadas sobre o tema pelos jornais O Globo e Folha de S.Paulo, entre os dias 1 e 15 de fevereiro de 2018. A escolha dos periódicos se deve por ser dois dos principais jornais de circulação no país. Segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), em dezembro de 2017, somando a média dos exemplares impressos e assinaturas digitais, a Folha (SP) estava em primeiro lugar com 285.334 e O Globo (RJ) em segundo com 243.404. Já o período do recorte se deve por ser durante o Carnaval 2018, quando cenas de roubos em áreas nobres foram amplamente divulgadas pela imprensa. Os episódios aumentaram a percepção de insegurança e vácuo no governo do estado, levando o então presidente Michel Temer a declarar uma intervenção federal no estado.

Adotamos como caminho metodológico a Análise Crítica da Narrativa proposta pelo professor Luiz Gonzaga Motta (2013). O objetivo é estudar não só a mensagem,

mas as representações das personagens, figuras de linguagem (como metáfora, metonímia e ironia), o cenário, o enredo, o conflito, os objetos de cena, a dramatização e os contextos externos que envolvem. É trabalhar não só com a interpretação, mas também com a compreensão, descortinando as estruturas ocultas, o dito e não dito, a relação do texto com a cultura. Todos esses elementos são fundamentais para compreendermos os efeitos de real e sentidos construídos nessas imagens. Portanto, percorrendo a análise crítica da narrativa sugerida por Motta (2013), o estudo das charges aqui recortadas segue três caminhos interligados:

- a) Plano de expressão: discurso e linguagem. Onde a imagem se aflora e captura o olhar do espectador. Aqui, trabalhamos a linguagem verbal e não-verbal da charge, que se relaciona diretamente com a notícia e os elementos da realidade. Observamos ainda as figuras de linguagem, como ironia e hipérbole, muito utilizadas nas charges.
- b) Plano da história: é o plano virtual da significação e do conteúdo, no qual estudamos o dito e não dito da narrativa, o enredo, o drama, a intriga que conecta os diferentes episódios, as críticas que aparecem e as personagens.
- c) Plano da metanarrativa: onde veremos como essas representações remetem à memória e à identidade brasileira. É o plano que mergulha nos significados e sentidos cristalizados pela tradição histórica, social e política do espaço em que a imagem foi construída.

5.1 Folha de S. Paulo

Entre os dias 1 e 15 de fevereiro de 2018, o jornal Folha de S. Paulo publicou duas charges representando a violência no Rio de Janeiro na editoria de opinião. Uma de Cláudio Mor (figura 2) e outra de Benett (figura3).



Figura 2: charge de Claudio Mor publicada em 2 de fevereiro de 2018. Fonte: Folha de S. Paulo

Começamos a análise observando as personagens. “A personagem é, portanto, uma figura central da narrativa, é o eixo do conflito em torno do qual gira toda a intriga. É o ponto de passagem de todos os acontecimentos da estória” (MOTTA, 2013, p. 174). Intitulada “Equilíbrio Narrativo”, a charge na figura 2 mostra um casal apresentando um jornal de um jeito irreverente: vestidos como masoquistas, termo usado para designar pessoas que sentem prazer pela dor. As roupas pretas, as máscaras e os objetos em cena como o chicote com tiras, a bancada com spikes e as siglas JM (Jornal Masoquista) reforçam o significado pretendido pelo autor. A linguagem verbal complementa a compreensão do texto. A começar pelo título “Equilíbrio Narrativo”, a leitura pode ser feita toda do lado direito e depois esquerdo, mas tem melhor sentido se cada trecho for lido na linha da esquerda para direita:

*Segundo ministro, a cidade do Rio continua **maravilhosamente...** tomada pelo caos e **violência**. Com céu **ensolarado**, poucas nuvens e... **repleta de balas** devido ao **tiroteio**. Agora vamos direto da linha amarela onde temos um **leve congestionamento...** causado por **traficantes fortemente armados**.*

A figura de linguagem predominante é a antítese, com palavras ou expressões com sentidos opostos, que contrastam entre si. Esta aproximação dá ênfase à frase e assegura maior expressividade à mensagem a ser transmitida. Dessa forma, o texto oscila entre o lado positivo e negativo do Rio de Janeiro. Maravilhosamente X caos e vio-

lência; céu ensolarado, poucas nuvens X repleto de balas; leve congestionamento X traficantes fortemente armados. A antítese também nos leva para a metanarrativa. O próprio trecho o “Rio continua maravilhosamente” é uma referência a cidade maravilhosa, como é chamado o Rio, e ao trecho da música “Aquele Abraço”, escrita por Gilberto Gil em 1969, quando o cantor decidiu ir para o exílio em Londres. Na letra, Gil se despede do país enaltecendo o cotidiano carioca e sua beleza, em meio à ditadura e o governo militar.

Mas para que a decodificação da charge ocorra por completo, é preciso entender sua intertextualidade. “Evidentemente, só após recompor as sequências e configurar o acontecimento-intriga completo somos capazes de definir qual o tema da história em questão” (MOTTA, 2013, p. 98). A charge faz referência ao pronunciamento feito pelo ministro da Defesa, Raul Jungmann, dois dias antes, no dia 31 de janeiro de 2018, durante o evento "O futuro começa hoje", organizado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). Em entrevista, o ministro afirmou que o sistema de segurança do Brasil está "falido" e que algumas das razões para isso são a "nacionalização" e a "transnacionalização" do crime, citando a crise financeira, a incapacidade do Judiciário em julgar processos, a superlotação de presídios e o poder de facções. "O sistema também faliu porque o governo federal não tem mandato sobre a situação dos estados, apenas em situações extraordinárias, que não deveriam acontecer", explicou ele em reportagem publicada pelo portal G1 (COELHO, 2018).

Jungmann disse, ainda, que há "um certo masoquismo" na divulgação da violência no Rio. O ministro lembrou também que, em 18 meses no cargo, decretou 11 vezes a Garantia da Lei da Ordem, que autoriza a intervenção federal militar para auxílio às forças de segurança estaduais. Só em Natal, a capital do Rio Grande do Norte, segundo ele, foram três pedidos em um ano. Confrontado pelos repórteres, ele disse que é preciso haver um "equilíbrio narrativo". "O problema da segurança não vai se resolver na Defesa. Não. Está havendo uma banalização disso", afirmou ele ao G1. Enquanto o ministro concedia a entrevista, motoristas e passageiros abandonavam veículos na Linha Amarela para se proteger dos tiros trocados por policiais e criminosos na Cidade de Deus, na zona oeste do Rio de Janeiro, a cerca de 30 quilômetros do evento.

Parodiando a situação colocada pela notícia, a charge é uma crítica ao posicionamento de Jungmann que, mesmo sem aparecer na cena, se torna o personagem principal da narrativa. Com humor, a ilustração de Mor provoca o riso ambivalente mais próximo do carnavalesco de Bakhtin: a seriedade do fato do problema da segurança pública do Rio de Janeiro e, simultaneamente, o destronamento e a ridicularização do ministro ao afirmar que o noticiário é masoquista por preferir enaltecer a dor e o sofrimento dos cariocas. Se há o riso, ele não é por conta da violência, mas pela representação em desenhos da metáfora citada pelo ministro, que foi interpretada pelo chargista em sentido exato, preciso e literal.



Figura 3: charge de Benett publicada em 15 de fevereiro de 2018. Fonte: Folha de S. Paulo

A segunda charge na Folha de S. Paulo que representou o tema violência no Rio de Janeiro durante o recorte do estudo foi publicada em 15 de fevereiro de 2018 (Figura 3). Com autoria de Benett, o desenho faz referência ao desfile da escola de samba Beija-Flor, campeã do carnaval carioca de 2018. Com o samba-enredo “Monstro é aquele que não sabe amar (Os filhos abandonados da pátria que os pariu)”, o grupo levou para a Sapucaí as mazelas brasileiras em um desfile cheio de metáforas de terror sobre o Brasil. Uma das alas chegou a encenar um tiroteio no Rio, com uma estudante baleada. Uma crítica a violência e a segurança pública da cidade, reinterpretada pelo chargista. A cena do assalto representado na Sapucaí foi capa da Folha um dia antes da charge.

A ilustração de Benett mostra duas cenas. Na primeira, um homem aponta a arma para cima e anuncia um assalto. A mulher em apuros, com fisionomia assustada, grita por socorro e pede para alguém fazer alguma coisa. Mas em vez de ajudar a

personagem, três homens aparecem, na sequência, levantando placas com notas 10; 9,5 e 10, como uma avaliação de um desfile de carnaval. Os jurados, no entanto, são representados como um soldado do exército, um homem que usa óculos escuros e um juiz. Todos com os olhos cobertos.

Tanto pelo elemento verbal como o visual, percebemos a ironia como figura de linguagem predominante. O absurdo da situação não é apenas o assalto, mas ninguém, ou, principalmente, nenhuma autoridade fazer nada para impedi-lo. Insegurança, impunidade e descaso dos poderes públicos com a situação que aflige muitos brasileiros são os principais efeitos de sentido na imagem. Os olhos cobertos das personagens reforçam esse significado.

O grito de socorro da vítima intensifica ainda outra situação. As mulheres representam 88% das vítimas de violência física no estado do Rio de Janeiro, segundo dados do Dossiê Mulher 2010, feito todos os anos pelo Instituto de Segurança Pública (ISP). No estudo divulgado em 2019, o levantamento aponta que 12 mulheres, em média, foram estupradas por dia no estado do Rio de Janeiro em 2018. Ao todo, foram mais de 4,5 mil casos registrados pela polícia. A pesquisa aponta ainda que 70% dos agressores eram pessoas do convívio da vítima e em 60% dos casos a violência aconteceu dentro de casa.

Novamente, o humor que a charge provoca traz elementos de zombaria, mas está mais próximo do riso carnavalesco de Bakhtin, pois provoca ideias divergentes, a ambivalência entre o absurdo e o sério. O sério por conta da violência cotidiana e o absurdo por não ser uma questão preocupante pelas autoridades. Há, portanto, um sentido de negação e também de ridicularização e crítica aos poderosos. Por meio desse jogo tenso de vozes conflitantes, a ironia da charge fica explícita. Ela não pretende apenas fazer rir, mas provocar a inquietude e a reflexão sobre a gravidade do problema.

5.2 O Globo

Motta (2013) orienta que a lógica narrativa só irá se revelar nas duras notícias do dia a dia se observarmos como elas lidam e organizam o tempo, que no noticiário é anárquico e muitas vezes invertido. Segundo o autor, é assim que o leitor procede em

seu ato de recepção, quando o sentido é reordenado em sua integralidade. Isso acontece também com a decodificação da charge.

Para compreendermos uma charge, é preciso reunir todas as informações dispersas nas diversas notícias a respeito de um assunto, juntar as pontas, o contexto, recompor a serialidade e reorganizar a cronologia da intriga. Isso porque para fazer sentido e conseguir os efeitos desejados pelo narrador, a charge necessita ancorar os fatos no real, mesmo que utilize, claro, elementos criativos e imaginários. “Toda narrativa é um permanente jogo entre efeitos de real (veracidade) e outros efeitos de sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso, etc.) mais ou menos exacerbados pela linguagem dramática” (MOTTA, 2013, p. 196). Desta forma, compreender o enredo como agente organizador das partes é o nosso primeiro passo para a análise da última charge deste estudo.

Como a pesquisadora Maria Stela Porto (2002) observou, a violência faz parte do noticiário brasileiro e isso não é diferente no O Globo. No período de recorte desse artigo, o jornal começou o mês de fevereiro de 2018 com a manchete “Rio teve 640 tiroteios só no primeiro mês do ano. Confronto na Cidade de Deus leva pânico a Linha Amarela. No dia seguinte, “Cidade de Deus, da fama ao abandono: favela foi a que mais teve tiroteios em janeiro: 46”. No dia 7 de fevereiro de 2018 as manchetes traziam novas tragédias: “Escalada da violência. Tiroteio fecha as três principais vias expressas do Rio: Garoto de 13 anos é morto jogando futebol na Maré; Bandidos matam menina de 3 anos durante assalto”.

Recompor a serialidade dos fatos com seus desdobramentos é fundamental para a decodificação da charge publicada sobre o tema pelo jornal O Globo no dia 08 de fevereiro de 2018. De autoria de Chico Caruso, a imagem (figura 4) foi estampada na capa do noticiário ao lado das chamadas: “Escalada da Violência: após cerco das Forças Armadas a quatro favelas, moradores denunciam que suspeitos fugiram da favela de ônibus. A política de segurança fracassou no Rio e no país”. No título do editorial do dia “Violência ultrapassa todos os limites no Rio”.

A charge de Caruso é, portanto, uma relação intertextual com esses textos verbais e visuais. Argumentativa, sua crítica é clara e intencional. Destaca-se no desenho a imagem do Cristo Redentor, símbolo do Rio de Janeiro e do Brasil vestido com colete à

prova de balas, observando uma bala perdida passar acima de sua cabeça. Os traços pontilhados atrás da bala é um recurso utilizado pelos chargistas para demonstrar movimento e marcam o tempo que acontece o fato: o presente, pois o processo está em desenvolvimento. Pelo olhar e fisionomia do Cristo, desaprovação e nervosismo.

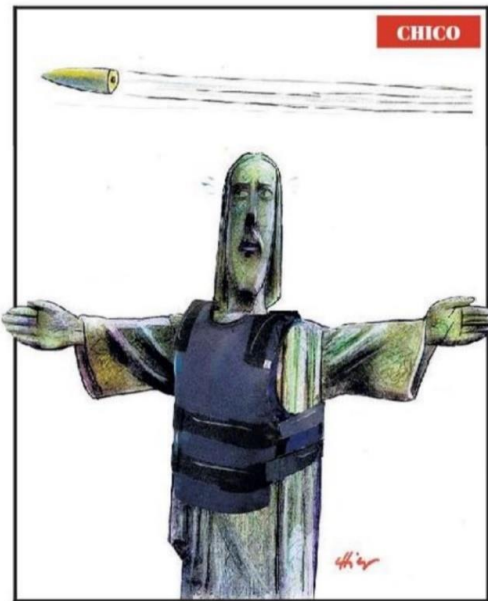


Figura 4: charge de Chico Caruso, publicada em 08 de fevereiro de 2018 Fonte: O Globo

O Cristo Redentor abençoa a cidade do Rio de Janeiro, do alto do Morro do Corcovado, no Parque Nacional da Tijuca, desde 12 de outubro de 1931. De lá, até os dias atuais, a imagem se transformou em um dos mais conhecidos pontos turísticos do mundo e foi considerado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como Patrimônio da Humanidade. Em 2007, foi declarado uma das Sete Maravilhas do Mundo.

Mas na charge de Caruso, nem o Cristo está fora de perigo. Ao mesmo tempo em que ele representa a figura máxima divina de uma hierarquia e o respeito, também representa o povo, já que uma das afirmações bíblicas mais conhecidas do humanismo cristão diz que o homem foi feito “à imagem e semelhança de Deus”. Portanto, os elementos da charge demonstram não só o destronamento dos poderosos e responsáveis pela administração pública do Rio de Janeiro, como também sugere outra categoria carnavalesca: a quebra de hierarquia, na qual a violência, a rebeldia dos criminosos, a falta

de organização política e administrativa do estado chegou ao limite máximo: atingiu Cristo. Entre os significados da mensagem, uma possível leitura seria o Rio como um lugar do “salve-se quem puder!”. Onde nem aquele que seria o salvador de todos, está fora de perigo. Mas o efeito de sentido da imagem não pretende encaminhar o leitor para um único posicionamento, ela está mais interessada em provocar no leitor, pelo riso carnavalesco, a inquietude, a vergonha moral, a reflexão e a contestação da realidade.

6. Conclusão

O jornalismo e tantos outros processos da indústria cultural são sistemas cujos códigos fornecem a base pela qual os grupos e classes sociais não apenas constroem uma imagem de si mesmos como também incorporam práticas e valores de grupos sociais e compartilham. Compreender as charges sobre violência, por exemplo, é compreender como o autor vê a realidade que o cerca e representa sua visão de mundo. Entender como essas imagens re-significam e transmitem as ações de violências, constantemente presentes na cultura visual foi o objetivo desse estudo.

Ao analisarmos as charges, compreendemos que nem todo ato de humor é um ato de riso visível, mesmo porque algumas charges nem sempre surtirão o efeito de riso audível. Algumas vezes, essas imagens trazem o humor de maneira tensiva na representação de elementos trágicos. Nesses casos, o riso amarelado causa vergonha, choca e abre espaço para denúncias e críticas mais severas, como nas charges analisadas.

Nas imagens, percebe-se que os chargistas trabalham o tema violência por meio do humor mais próximo ao riso carnavalesco de Bakhtin. É ambivalente. Enquanto de um lado reforçam a seriedade do grave problema da segurança pública do Rio de Janeiro, simultaneamente ridicularizam as políticas públicas e promovem o destronamento dos poderosos e governo. Diante do descaso, o deboche contra as autoridades é um típico “rindo de nervoso”. O humor como crítica social e elemento libertador da sensação de impotência da coletividade diante dos problemas sociais. Por meio desse jogo tenso de vozes conflitantes, as charges analisadas não pretendem simplesmente encaminhar o leitor para um único posicionamento. Elas estão mais

interessadas em provocar, pelo riso carnavalesco, a inquietude e a reflexão sobre a gravidade do problema.

Referências

ATLAS da Violência 2018. Ipea. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432>. Acesso em: 30.05.2019.

COELHO, Henrique. Ministro da Defesa diz que sistema de segurança do Brasil está 'falido'. **G1**. Disponível em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/ministro-da-defesa-diz-que-sistema-de-seguranca-do-brasil-esta-falido.ghtml>>. Acesso em 15.06.2019.

FERNANDES, P. J. Caricatura e Cartoon em Portugal: Humor sem contensão no Portugal Contemporâneo”, in **Humor, Direito e Liberdade de Expressão**. Lisboa, Centro de Estudos Judiciários, 2016, p. 215-235.

FONSECA, Joaquim. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre, RS: Artes e ofícios, 1999.

HALL, Stuart (org.). **Representation**: cultural representations and signifying practices. London: Sage Open University, 2009.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUCS, 2001.

LEGROS, Patrick; et. al. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da Violência**. São Paulo: Vértice, 1987.

MOTA, Célia Maria Ladeira. A narrativa semiótica da imagem. In: MOTA, Célia Maria Ladeira; MOTTA Luiz Gonzaga; CUNHA, Maria Jandyra (Orgs). **Narrativas midiáticas**. Florianópolis: Insular, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, n.8 jul/dez 2002, p. 152-171. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a07.pdf>>. Acesso em 20.06.19.

REZENDE, Constança. 'Não houve nenhuma explosão de violência no Rio durante carnaval', diz diretora do ISP. **Estadão**. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro-nao-houve-nenhuma-explosao-de-violencia-no-rio-durante-carnaval-diz-diretora-do-isp,70002192494>. Acesso em: 14.06.19.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. Volume 1. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge Jornalística**: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Uma introdução ao estudo do humor pela linguística**. Delta: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo, v.6, n.1 p. 55-82, 1990.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011